

TOPÔNIMOS: ENUNCIÇÃO E MEMÓRIA DA IDENTIDADE ITALIANA EM CASCAVEL, PARANÁ

TOPÓNIMOS: ENUNCIACIÓN Y MEMORIA DE LA IDENTIDAD ITALIANA EN CASCAVEL,
PARANÁ

TOPONYMS: ITALIAN IDENTITY ENUNCIATION AND MEMORY IN THE CITY OF
CASCAVEL, PARANÁ STATE

Wânia Cristiane Beloni*

Clarice Nadir von Borstel**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: Os estudos onomásticos, ao se integrarem à lexicologia, evidenciam que, por meio do nome próprio, o homem expressa ideias, sentimentos e transmite valores e práticas discursivas. Observando a comunidade de Cascavel, Paraná, percebemos que o contexto da cultura italiana no município pode ser visualizado não apenas em movimentos étnicos e pelos cursos de língua, mas também por meio de nomes de lugares públicos, residenciais e comerciais. Para analisar os nomes próprios de alguns logradouros cascavelenses em relação a essa etnia, foi realizado um levantamento classificatório das designações nominais de espaços públicos, por meio do site da Prefeitura de Cascavel, com complementações de outros sites. Desenvolveu-se a pesquisa, identificando os nomes de origem étnica italiana e observando a taxonomia dos topônimos, para refletir sobre as nomeações que se relacionam de alguma forma com os italodescendentes.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica. Língua e cultura italiana. Italodescendentes.

RESUMEN: Los estudios onomásticos, al integrarse a la lexicología, evidencian que, por medio del nombre propio, el hombre expresa ideas, sentimientos y transmite valores de prácticas discursivas. Observando la comunidad de Cascavel, percibimos que el contexto de la cultura italiana en la ciudad puede ser visualizado no solo en movimientos étnicos y por los cursos de lengua, sino también por medio de nombres de sitios públicos, residenciales y comerciales. Para analizar los nombres propios de algunas calles de Cascavel en relación a dicha etnia, fue realizada una averiguación clasificatoria de las designaciones nominales de los espacios

* Doutoranda em Letras - Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. E-mail: wania.beloni@hotmail.com.

** Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras da Unioeste - E-mail: clavonborstel@gmail.com.

públicos, por medio del sitio web del Ayuntamiento de Cascavel, con complementación de otros sitios web. Se desarrolló la investigación, identificando los nombres de origen étnica italiana, observando la taxonomía de los topónimos para reflexionar acerca de las designaciones que se relacionan, de alguna manera, a los ítalo-descendientes.

PALABRAS CLAVE: Onomástica. Lengua y cultura italiana. Ítalo-descendientes.

ABSTRACT: Onomastic studies, when integrated to lexicology, show that, through their given names, men express ideas and feelings, and convey values and discursive practices. By observing the community in the city of Cascavel, Paraná State, we noticed that the city's Italian cultural context is reflected not only in ethnic movements and language courses, but also in the names of public, residential and commercial places. To analyze the names of some places in Cascavel in relation to ethnicity, we classified the nominal designation of public places through the website of the Municipal Government of Cascavel and additional information from other websites. Subsequently, the research was developed by identifying the names of Italian ethnicity and observing the taxonomy of toponyms in order to reflect upon the designations that somehow are related to Italian descendants.

KEYWORDS: Onomastics. Italian language and culture. Italian descendants.

1 INTRODUÇÃO

A nomeação pode revelar aspectos muito mais profundos e subjetivos do que a simples designação e singularização de um indivíduo de determinada espécie. Quando se fala em nome próprio, conceitos gramaticais logo são apresentados, e gramáticos definem que o substantivo é próprio quando o nome é aplicado a um determinado ser individual para a sua identificação. Cunha e Cintra (2008), por exemplo, resumem a diferença básica entre substantivos comuns e próprios, dizendo que os substantivos *homem, país e cidade* são comuns, “porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. *Pedro, Brasil e Lisboa*, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 192).

Essa relação de unicidade, em que o nome próprio está relacionado a um ser individual, no entanto, é questionada quando se examina o fato de alguns autores não levarem em consideração “o facto de que muitas pessoas diferentes e não relacionadas, e mesmo vários lugares diferentes, podem ter o mesmo nome” (ULLMANN, 1964, p. 152).

O autor observa que os nomes próprios, “desligados do contexto” não significam nada e que esses substantivos têm poderes para além da superficialidade: “Os nomes desempenham nas relações humanas um papel tão importante que são frequentemente dotados de poderes mágicos e rodeados de complicadas superstições e tabus” (ULLMANN, 1964, p. 149), o que dificulta e preenche de subjetividade um estudo em torno desse uso lexical pluricultural por um dado grupo.

O nome próprio surge pela necessidade de especificar algo que o denominador quer dar. Com o tempo, no entanto, o vocábulo passa pelo esvaziamento semântico, levando o significado etimológico a ser desconsiderado. Para tanto, Grespan (2013, p. 65) observa: “considerar que um estudo de nomes é apenas considerar a etimologia dos mesmos é desconsiderar a importância cultural que eles trazem consigo”. Dessa forma, as palavras podem tomar, no percurso histórico, outras cargas de valoração no tempo e no espaço sociocultural.

Seide (2014) relaciona a ativação de conotações e significados associativos com o conhecimento discursivo e com o conhecimento enciclopédico:

A capacidade que tem um nome próprio de ativar conotações ou significados associativos, por sua vez, pode ser explicada pela Teoria da Relevância, a qual propõe que tanto o conhecimento discursivo a que se refere Gary-Prieur como o conhecimento enciclopédico estão localizados no componente enciclopédico, o qual faz parte daquilo que é acessado, na mente, mediante uma entrada lexical (SEIDE, 2014, p. 213).

Nesse sentido, os estudos onomásticos¹, que se calcam e se integram à lexicologia, evidenciam que, por meio do nome próprio, o homem expressa ideias e sentimentos. Assim, ao nomear, são cristalizados conceitos e transmitidos valores e práticas discursivas que podem se constituir no percurso histórico e sociocultural do ambiente empregado, os quais podem ser diferentes do sentido etimológico/linguístico.

A onomasiologia - que atualmente divide-se em dois campos: antroponímia (que estuda nomes próprios atribuídos a seres humanos) e toponímia (estudo dos nomes próprios atribuídos a lugares) - é uma área interdisciplinar, construída a partir de relações com outras disciplinas e se desenvolve a partir de três aspectos: histórico, geográfico e linguístico. Nessa perspectiva, a onomástica pode ser explicada por fatores sócio-históricos, pois os nomes de lugares, assim como de pessoas, demonstram a história e a cultura de um povo. Pensando na toponímia (objeto de estudo desse artigo), como espaço em uma comunidade, pode ser determinada por fatores socioculturais, históricos, geográficos e também pelas relações étnicas de uma comunidade.

A toponímia, ao estudar a origem e significados dos nomes de lugares, pode se constituir de diferentes maneiras. Dick (1990) explica que há dois grupos na classificação taxonômica das toponímias: as de natureza física e as de natureza antropocultural.

Entre as taxonomias de ordem física estão: astrotopônimos (que remetem a corpos celestes, por exemplo: fazenda Sol Nascente); cardinotopônimos (posições geográficas: Fazenda do Norte); cromotopônimos (escalas cromáticas: Morro Negro); dimensiotopônimos (dimensão: Morro Alto); fitotopônimos (meio ambiente ou aspectos da natureza: Fazenda Carandá); geomorfotopônimos (de formas topográficas: Barranco Alto); hidrotopônimos (menção aos cursos de água: Fazenda Corixão); litotopônimos (de origem mineral: Pedreiras); meteorotopônimos (atmosfera terrestre: Córrego Trovão); morfotopônimos (formas geométricas: Lagoa Redonda); zootopônimos (animais: Ribeirão da Boiada).

Entre as taxonomias de natureza antropocultural estão: animotopônimo ou nootopônimo (que se refere ao psiquismo humano, por exemplo: Fazenda Vitória); antropotopônimos (nomes próprios constituídos a partir de prenomes, apelidos de família, alcunhas, ou pelo conjunto onomástico completo: Restaurante Martignoni); axiotopônimos (de um título: Fazenda Barão); corotopônimos (de nomes de cidades, estados, países: Praça Itália, Edifício Gênova); coronotopônimos (indica tempo: Fazenda Origem); ecotopônimos (relativo à habitação em geral: Fazenda Taperia); dirrematopônimo (expressões cristalizadas: pé-de-ferro); ergotopônimos (de elementos da cultura material do homem: Fazenda Videira); etnotopônimos (relacionados a grupos étnicos, isoladas ou não: Fazenda Italiana); hierotopônimos (de origem religiosa: Fazenda Bom Jesus); hagiopônimos (nomes de santos e santas da religião católica romana: Fazenda Santa Maria); mitotopônimos (de ordem mitológica: Fazenda Afrodite); historiotopônimos (menção a fatos históricos: Rio Bandeirantes); hodotopônimos (comunicação rural e urbana: Lagoa do Atalho); numerotopônimos (relativos a adjetivos numerais: Fazenda Sete Cores); poliopônimos (aglomerados populacionais, tais como: vilas, cidades, aldeias, povoados, etc. Ex.: Fazenda Aldeia); sociotopônimos (relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de reunião de um grupo: Fazenda Currel Velho); somatopônimos (relação com as partes do corpo humano ou do animal: Rancho Pé de Galinha).

Sendo assim, um estudo onomástico da toponímia de uma localidade pode demonstrar quais são as taxonomias predominantes nas nomeações de ruas e/ou de comércios, por exemplo. A análise pode, no entanto, interpretar questões que vão além da superficialidade nominativa, apresentando essas taxonomias relacionadas aos sentidos e enunciados presentes na nomeação, revelando aspectos históricos, geográficos, culturais e étnicos. Nesse sentido, para Dick (1990, p. 22), os topônimos são “verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população”, pois é um instrumento de “projeção temporal”.

Em Cascavel, no oeste do Paraná, a presença de descendentes de italianos é confirmada não apenas por manifestações étnicas e culturais de grupos de italodescendentes, mas também por ações de ensino de língua italiana em ambiente formal: a *Agenzia Consolare Onoraria*, a qual vigorou entre os anos de 2000 e 2010, o Círculo Italiano de Cascavel, o *Gruppo Folklorico Italiano Ladri*

¹ “Onomástica ou Onomasiologia é o ramo das ciências linguísticas ocupado do nome próprio. Sua origem remonta às primeiras especulações filosóficas sobre o nome e, no Ocidente, está intimamente ligada às tradições gramaticais greco-latinas, já que a distinção entre nome comum e próprio começa a ser elaborada por Dionísio de Trácia, primeiro gramático grego” (RAMOS; BASTOS, 2010, p. 87).

di Cuori de dança, o grupo *Filò*, de canto de música folclórica italiana, existente desde 1997, o programa de rádio *Italia del mio cuore*, assim como o curso de Letras Português/Italiano na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e cursos de idiomas pela cidade.

Observando diferentes áreas da cidade, pode-se perceber que o contexto da cultura italiana em Cascavel pode ser visualizado a partir de nomes próprios, em nomes de lugares comerciais e públicos, como em placas e faixas de restaurantes, edifícios, mercados, sorveterias, entre outras empresas, assim como em nomes de ruas, praças, ginásios e escolas, os quais revelam a presença de marcas da italianidade linguística/cultural no município.

Apesar de Cascavel ter uma formação multiétnica, pretende-se pesquisar as marcas toponímicas referentes à cultura italiana. Nesse contexto de relações interétnicas é que se propõe observar as marcas toponímicas em nomes de alguns lugares públicos, residenciais e alguns comerciais, para refletir sobre a presença de descendentes de italianos e se ainda há manifestações étnicas registradas pela nomeação. É necessário, primeiro, no entanto, compreender a formação sociocultural histórica e como se deu a colonização do município.

2 BREVE HISTÓRIA DE CASCAVEL E A PRESENÇA DE ITALODESCENDENTES NO MUNICÍPIO

Com a falta de terras para o trabalho pelos ítalo-brasileiros na Região de Colonização Italiana (RCI), no Rio Grande do Sul, muitos imigrantes e seus descendentes migraram para algumas regiões do Estado de Santa Catarina. A partir de 1900, então, em algumas partes de Santa Catarina, houve uma superpopulação que motivou colonos² a se deslocarem para outras regiões do estado catarinense, para o Rio Grande do Sul e para o Paraná.³ Deitos (2004, p. 46) salienta que o excedente de trabalhadores no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina provocou a colonização de frente sulista no Paraná e assim “a região oeste do Paraná passou a ser uma das áreas mais desejadas para a colonização”. Ele conta, ainda, que o fortalecimento da vinda dos colonos se deu nas décadas de 1950, 1960 e 1970, do século XX, e que a identidade étnica da região é composta por italianos, alemães e poloneses.

Além da colonização de frente sulista, no Oeste do Paraná, Deitos (2004) esclarece que há outras duas frentes, sendo que a primeira é a pioneira, também chamada de frente cabocla e que tem como marco a criação da Colônia Militar na fronteira, com sede em Foz do Iguaçu, e que “provocou a colonização no sentido leste-oeste”. Afora da pioneira e da sulista, a outra frente, deslocada do norte do Paraná, é estimulada pela produção do café e provém dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e da região Nordeste. Assim, o autor conclui que o processo de colonização no Oeste do Paraná foi plural.

Nilceu Deitos (2004) afirma, ainda, que a colonização do Oeste paranaense iniciou de fato com a crise do sistema de obrages⁴. A intervenção das empresas colonizadoras que loteavam áreas para revender aos colonos foi também fundamental e, os caboclos que aqui estiveram antes disso, “assinalaram muitos dos locais que serão tomados posteriormente pela onda de imigração” (PIAIA, 2004, p. 64).

O papel das empresas colonizadoras foi fundamental para a ocupação do Oeste do Paraná. Gregory (2008) cita quais delas se destacaram na região: a Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A - MARIPÁ, a Pinho e Terras com as secções Piquiri, Céu Azul, Porto Mendes, Lopeí, a Industrial Agrícola Bento Gonçalves Ltda., a Colonizadora Gaúcha Ltda., a Colonizadora Matelândia Ltda., a Colonizadora Criciúma Ltda.

² O termo “colono” é referido neste trabalho com o mesmo sentido apresentado por Balhana (2002, p. 266), que o define como um “pequeno proprietário, ou seja, um lavrador independente”, isto é, dando um sentido positivo e não negativo, como pode ocorrer popularmente.

³ Balhana (2003, p. 73) evidencia que, em 1908, estimava-se que em Santa Catarina viviam 30 mil italianos (entre imigrantes e descendentes), no Paraná, 18 mil, em Minas Gerais, 25 mil e no Espírito Santo, 50 mil. Dos 4,5 milhões de imigrantes italianos no Brasil no período da grande imigração, São Paulo contava com cerca de 2,5 milhões, ou seja, 55% dos imigrantes que chegaram ao país.

⁴ Termo regional para denominar um lugar de corte e beneficiamento de madeiras próximo às margens de um rio.

Em Cascavel, no entanto, a atuação das colonizadoras não foi tão intensa. A colonização foi mais independente, além de mista, pois outras etnias também tiveram e têm forte influência nesta localidade.

A colonização no Oeste do Paraná ocorreu somente no século XX e, por isso, pode ser definida como moderna. Até 1920, Cascavel ainda era uma vila, com poucos casebres, acanhadamente movimentada ainda por interesses ervateiros. A dificuldade para chegar até a localidade era grande, tendo os colonos que fazer uma viagem de ida e volta por outros estados brasileiros. Piaia (2013) explica, ainda, que, principalmente na fase pioneira, a influência econômica e política dos gaúchos foi determinante para a construção de uma identidade em Cascavel, assim como em Santa Catarina.

Portanto, compreender a influência italiana em Cascavel é entender como os colonos que se estabeleceram aqui enfrentaram e ainda lutam pela manutenção de suas fronteiras étnicas, pois a colonização desta cidade não foi tão homogênea como em outras cidades da região. Desta forma, observar a toponímia relacionada à cultura e à língua italiana na cidade, talvez seja revelador e surpreendente, pois, apesar de as colonizadoras não terem sido tão influentes e não conseguiram estabelecer a homogeneidade que almejavam, ainda assim podem-se encontrar marcas da cultura italiana na cidade.

Apesar de Cascavel não ter sido tão influenciada pelas regras estabelecidas pelas colonizadoras, com a intervenção do Estado, a cidade também acabou atraindo grupos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Capelesso, Scherer e Deitos (2010, p. 38) salientam que o ano de 1930 foi o marco inicial da cidade de Cascavel e que “O pequeno povoado em 1934 passou a Distrito Policial. No ano de 1938 [,] passou a Distrito Administrativo. Em 1952 [,] a Município e em 1954 a Comarca”.

Piaia (2013) apresenta um gráfico a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1970 para apresentar a naturalidade da população de Cascavel. A quantidade de paranaenses, naquele ano, nesta localidade, era de 49.767 pessoas. Em segundo lugar, eram os riograndenses: 14.626. Em terceiro, de Santa Catarina: 13.819; e, na sequência, São Paulo, com 3.730, Minas Gerais, com 3.702, Espírito Santo, com 1.204 e de outros estados, 3.075. Piaia (2013, p. 121), no entanto, chama atenção para o fato de os paranaenses serem filhos de colonos e estes “reproduzirem valores e significados da vida social, dando continuidade às influências e saberes recebidos de seus pais”. É importante lembrar que, por sua vez, pais de muitos cascavelenses são filhos ou netos de imigrantes italianos que colonizaram a região do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

É interessante observar que entre os sete primeiros prefeitos de Cascavel, cinco gestões ficaram nas mãos de descendentes de italianos: José Neves **Formighieri**, que nasceu na cidade de Marcelino Ramos, uma antiga zona colonial do Rio Grande do Sul, foi o primeiro prefeito de Cascavel; o curitibano Octacílio **Mion**, que ocupou a terceira e a quinta gestão; Pedro **Muffato**, da cidade de Irati, no Paraná, o sexto prefeito; e Jacy Miguel **Scanagatta**, na sétima gestão. As outras duas gestões ficaram nas mãos de descendentes de alemães: Helbert Edvino Schwarz, na segunda gestão, e Odilon Reinhardt, no quarto mandato.

Pode-se constatar que a comunidade de descendentes de imigrantes italianos de frente sulista em Cascavel não é pequena. Compreender até que ponto esta comunidade étnica partilha, ainda hoje, valores e significados, é entender se ainda existe uma “permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade” (PLUMMER, 1996, p. 369), ou seja, se ainda hoje essa comunidade se manifesta culturalmente por meio de nomeações.

Cascavel, cabe registrar, faz divisa com os municípios de Santa Tereza do Oeste, Tupãssi, Toledo, Cafelândia, Corbélia, Braganey, Campo Bonito, Catanduvas, Três Barras do Paraná, Boa Vista da Aparecida e Lindoeste. Atualmente, a cidade está com 64 anos e é considerada uma metrópole do Oeste do Paraná. Com cerca de 300 mil habitantes, o município conta com migrantes de diversas regiões do Brasil, assim como de outros países, segundo os dados do IBGE de 2010:

Quadro 1: População residente por lugar de nascimento

Região Norte	1.240
Região Nordeste	3.979
Região Sudeste	15.095
Região Sul	259.682
Região Centro-Oeste	3.333
Brasil sem especificação	1.388
País estrangeiro	1.488
População residente – total	286.205

Fonte: IBGE (2010)

Podemos notar que das 286.205 pessoas residentes no município, a maioria, sendo mais de 259 mil, nasceu na região Sul do Brasil. Os dados de 2010 reafirmam os de 1970, apresentados anteriormente e considerados por Piaia (2013), registrando que a maioria da população em Cascavel era proveniente dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Desde aquela época, porém, a cidade já contava com a presença de brasileiros de outros estados como São Paulo e Minas Gerais, ainda que em número menor.

A maioria dos migrantes sulistas é de descendência alemã e italiana, o que justifica a pesquisa nesta localidade em relação à língua e à cultura italiana. Sendo assim, o contexto social e linguístico escolhido para a pesquisa, no caso, a cidade de Cascavel, revela o comportamento de descendentes de italianos por meio da toponímia, em que se revelam a identidade étnica e linguística e a constituição das fronteiras socioculturais desse grupo.

3 ESTUDOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O estudo teórico-metodológico *in loco* nesta pesquisa, de acordo com estudos de Calvet (2007), trata de abordagens de dados de plurilinguismo ou da neologia lexical utilizada por falantes bilíngues quanto ao *ambiente linguístico*, elencando dados históricos, sociais, linguísticos, culturais, aqui nesta investigação dos italo descendentes, com relação ao processo de movimentos migratórios desses falantes para a cidade de Cascavel. Ao andar pelas ruas e pelas praças de uma cidade, percebemos imediatamente certo número de informações sobre a situação ou práticas linguísticas utilizadas pelos munícipes, caracterizando línguas de imigrantes em contato com o português e que muitas dessas expressões não são utilizadas na forma escrita na mídia. Assim, para Calvet (2007, p. 72), “é essa presença ou ausência das línguas sob a forma oral ou escrita na vida cotidiana que chama de *ambiente linguístico*”.

Para observar os nomes próprios de alguns logradouros cascavelenses em relação à língua e à cultura italianas, foi desenvolvido um estudo classificatório sobre as designações nominais de espaços públicos em torno de todo o município cascavelense. Utilizamos a documentação oficial por meio do site da Prefeitura (CASCVEL, 2011, 2016a, 2016b, 2016c, 2016d) e da Secretaria de Estado e Educação do Paraná (PARANÁ, 2016), assim como complementações do site da Telelistas (2016a, 2016b) e da Maplink (2016). No entanto, a pesquisa em torno do ambiente linguístico dos italo descendentes em relação aos bairros foi realizada por meio de entrevistas, uma vez que no site da Prefeitura não consta essa informação e a informação precisa, requerida no órgão competente, não foi repassada. Foi, ainda, utilizado o site Gens - <http://www.gens.info/italia/> - para conferirmos se alguns sobrenomes teriam realmente relação com a Itália.

Dessa forma, desenvolvemos a pesquisa, identificando os nomes de origem dessa etnia, observando a taxonomia dos topônimos para refletir sobre as nomeações de lugares que se relacionam de alguma forma com os italo descendentes e com a língua e a cultura de seus antepassados.

Ainda que esse tipo de pesquisa possibilite uma dimensão sincrônica dos dados, é importante observar que a realidade atual é resultado de um processo histórico, ou seja, da diacronia. Mesmo assim, vale frisar que esta investigação é feita em tempo aparente:

É importante salientarmos que a dimensão histórica da variável pode se realizar a partir de uma projeção em tempo real (diacrônico), estabelecendo um espaço de tempo determinado cronologicamente, e/ou em tempo aparente (sincrônico), sendo necessário “um recorte transversal da comunidade de falantes” obtendo-se variadas faixas etárias [...]. A análise em tempo aparente, por sua vez, estabelece o estágio pelo qual passam as variantes no momento do recorte temporal em que estão sendo observadas. Trata-se de uma análise específica daquele momento, sendo relevante a observação sincrônica do estágio das variantes (HORA, 2004, p. 19).

Considerando a avaliação de topônimos na cidade de Cascavel, combinada aos princípios sociológicos, podemos compreender que os fatores socioculturais, históricos e geográficos são determinantes para a seleção linguística e para as crenças de uma comunidade.

A análise apresentada neste trabalho gerou dúvidas sobre a origem dos sobrenomes, principalmente quando se pensa em invasões e guerras que ocorreram na península, antes mesmo de essa ser designada Itália. Por isso, não inserimos alguns nomes de escolas municipais, tais como Almirante *Barroso*, Divanete Alves Brito da Silva, Maximiliano *Colombo* e Nicanor Silveira *Schumacher*, nem de algumas ruas, como Marechal *Floriano* e Selvino *Casagrande*, apesar de terem sido rastreados no site Gens.

Além disso, devido a casamentos interétnicos, quando a mãe vem a ser italo descendente, muitos nomes propagados pela cidade podem não terem sido citados e relacionados a essa etnia, uma vez que não carregam o sobrenome materno. No entanto, a apreciação é feita com o objetivo de ilustrar e não de afirmar porcentagens e números precisos, mas mostrar a representatividade onomástica na comunidade cascavelense. Relativizamos, portanto, pois é possível que nem todos os topônimos relacionados à língua e à cultura italianas terem sido notados pelas pesquisadoras.

4 TOPÔNIMOS: ALGUMAS MARCAS DA ITALIANIDADE EM CASCAVEL

A escolha lexical não se dá ao acaso e esse processo é expressivo e argumentativo. Com base nas reflexões de Bakhtin (2003), a palavra não é neutra, pois a língua, em sua forma de expressão, revela muito mais do que um conteúdo, revela uma leitura de mundo particular. Sendo assim, para o autor, as escolhas lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado já demonstram um elemento expressivo, uma relação valorativa do falante com o discurso.

A linguagem, para Fiorin (2007, p. 53), forma uma imagem sobre o mundo: “A linguagem cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico. Assim, a linguagem, criadora de uma imagem do mundo[,] é também criação desse mundo”. Para o autor, essas imagens não são arbitrárias, mas são resultados de fatores sociais, sendo a língua o reflexo da realidade de uma comunidade.

Nesse sentido, a linguagem é uma forma de construir o pensamento de uma comunidade, de construir determinada consciência sociocultural, determinado conceito, empregando e inculcando uma determinada ou diversas ideologias. Por isso, para Fiorin (2007), a linguagem influencia também o comportamento humano, uma vez que veicula valores e estereótipos, ainda que de forma mascarada.

Colognese (2011) observa que a ação de nomear os lugares não é feita de forma aleatória e sem objetivos persuasivos, mas que existem “motivações” que fazem com que o ser humano nomeie os lugares em que vive. Para ele:

Atribuir nomes é humanizar os lugares nos termos de uma sociedade e de uma cultura. Por isso os **sentidos** traduzidos nos nomes das ruas não se reduzem a [à] etimologia, mas incluem **valores e significados que identificam uma sociedade e uma cultura particulares**. Por meio dos nomes das ruas é possível revelar as **marcas particulares da cultura, da memória e da identidade de uma cidade**. Os nomes das ruas funcionam como **símbolos que armazenam significados** que, uma vez revelados, traduzem traços da **identidade de um povo** (COLOGNESE, 2011, p. 9, grifo nosso).

Nessa perspectiva, o sentido, os valores e os significados que um nome pode representar, podem ser marcados pela identidade de uma comunidade, a qual é resultado de processos históricos, de contatos linguísticos, assim como diversos fatores, tais como psicológicos e emocionais.

Bakhtin (2003, p. 290) destaca que as palavras tomam juízo de valor ao serem empregadas em um determinado contexto, em um enunciado concreto, pois passam a veicular representações construídas pelo locutor e interlocutor da situação de interação e dos objetivos que a constituem.

Para Garcia (2003, p. 176), a palavra, isolada do seu contexto de atuação, pode quase nada significar, pois é o ambiente que vai lhe fixar o valor e é o contexto que lhe concede um valor particular: “é o contexto também que a liberta de todas as representações passadas, nela acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor atual”.

As reflexões de Bakhtin (2003) e de Garcia (2003), sobre o significado das palavras em determinada conjuntura, também servem para questionar as escolhas lexicais referentes às nomeações. Nesse sentido, Colognese (2011), ao apresentar um estudo onomástico dos nomes de ruas na cidade de Toledo/PR, observou que os significados vão além da etimologia da palavra e que a análise da origem e do sentido dos nomes de lugares (“topônimos”) é o objeto de estudo da toponímia. Segundo o autor, “os topônimos são representações que o homem faz da realidade”, e que “ao nominar as realidades, os homens tomam posse dos lugares, os particularizam e os transformam em ‘seus’” (COLOGNESE, 2011, p. 9).

Assim, para observar a presença de italo descendentes em Cascavel bastaria verificar a maioria dos sobrenomes dessa origem no município, realizando um estudo na perspectiva da antroponímia ou ainda evidenciar os nomes de empresas cascavelenses. No entanto, analisar as escolhas lexicais em nomes de lugares públicos pode ser mais revelador, principalmente quando se reflete sobre as atitudes étnicas dos cidadãos cascavelenses.

A cidade conta com cerca de 30 bairros e diversos loteamentos dentro de cada um deles. Ao analisar os nomes relacionados à cultura italiana apresentam-se os loteamentos do bairro Cascavel Velho: o **Jardim Nova Itália** e o **Jardim Veneza**, e o loteamento **Jardim Florença**, no Santa Cruz, sendo os três corotopônimos.

Dentre os 40 colégios estaduais (PARANÁ, 2016), notamos que sete instituições - Itagiba **Fortunato**, Jardim **Itália**, Marilis F. **Pirotelli**, Octavio **Tozo**, Olivo **Fracaro**, **Orso** e Padre Carmelo **Perrone** - se relacionam à cultura italiana, sendo que apenas um nome é um corotopônimo (Jardim Itália) e os outros antropotopônimos, por representarem apelidos de família, nomes de pessoas, no caso, descendentes de italianos.

Entre as 61 escolas municipais (CASCAVEL, 2016a), observamos os nomes de 17 instituições, os quais relacionamos a antropotopônimos italianos: Adolival **Pian**, Ana **Neri**, Aquiles **Bilibio**, Artur Carlos **Sartori**, Atilio **Destro**, Diva **Vidal**, Dulce Perpetua **Piorezan** Tavares, Edison **Pietrobelli** - Caic II, Emilia **Galafassi**, Hércules **Bosquirolli**, Hermes **Vezzano**, Inglacir Lourdes **Farina**, Jose **Baldo**, Luis Carlos **Ruaro**, Maria **Montessori**, Tereza Périco **Bernardini** e Terezinha Picoli **Cezarotto**.

Os nomes de ruas e de logradouros públicos, os quais utilizamos no dia a dia para nos localizarmos, por razões práticas, também se constituem de sentidos. Nomear um local vai além da organização de uma cidade. “Tem-se aí um sentido de controle que faz parte do processo de identidade social das pessoas, enquanto identificação com um endereço” (GUIMARÃES, 2002, p. 51). A nomeação, portanto, expressa valores e sentimentos.

A Praça Florêncio **Galafassi** (Praça do Migrante), por sua vez, localizada na Avenida Brasil, foi inaugurada em 1977, revitalizada e remodelada em 2004. Além de contar com um chafariz, destacam-se os mastros com todas as bandeiras dos estados brasileiros e cinco monumentos, que representam as regiões de origem das correntes migratórias que se desenvolveram em Cascavel. O antropotopônimo Galafassi, de origem italiana, destaca um dos pioneiros da cidade, no caso, o próprio Florêncio. Ainda no site da prefeitura (2016f), no acervo do Museu de Imagem e do Som (MIS), são apresentados alguns documentos, tais como: histórico da família Galafassi, com brasão e escrito em italiano; folder do primeiro encontro da família Galafassi; dados sobre Florêncio Galafassi e Emilia Deco Galafassi; cartões postais da cidade de Sabioneta na Villa Pasquali, cidade de onde veio a família; além de fotos dos pioneiros. Tais dados do MIS possibilitam uma análise sobre a valorização étnica desse pioneiro, permitindo que seja feita a interpretação dessa enunciação pelo viés da italianidade.

A **Praça Itália**, na Avenida Brasil com Rua Rocha Pombo, no Bairro São Cristóvão, foi inaugurada no dia 14 de dezembro de 2006, em comemoração aos 54 anos do município. O principal monumento é o Leão Alado, assim como o da Praça de São Marcos, em Veneza, e que simboliza mitologicamente a força e a proteção contra os invasores externos. Para Cascavel, o leão é uma homenagem aos primeiros imigrantes italianos que aqui chegaram. Conforme o site da Prefeitura, “o pilar que forma o monumento representa a continuação das famílias, ou seja, o infinito e os anéis são as uniões das famílias imigrantes”.

O fato de, na relação de praças, apresentada pelo site da Prefeitura de Cascavel, não ser citada mais nenhuma com o nome de outro país constitui uma representatividade étnica que simboliza fatos argumentativos. Sendo assim, pode-se compreender a linguagem como resultado de processos sociais, culturais e históricos, mas não apenas, uma vez que o ato de nomear pode ser entendido com uma intervenção sobre a realidade. Foi apenas em 2010, em comemoração à imigração japonesa, que a Prefeitura da cidade, segundo notícia veiculada no próprio site do município, inaugurou a Praça Japão, localizada no bairro São Cristóvão (CASCVEL, 2010).

Segundo Koch (2002, p. 32), fatores implícitos do discurso produzido pelo locutor marcam sua intencionalidade, a qual revela “relações discursivas que se estabelecem entre enunciado e enunciação, a que denominamos ideológicas ou argumentativas”.

A escolha lexical revela, portanto, cargas valorativas e emotivas para excitar sentimentos e atitudes. Para Ullmann (1964, p. 265), “a língua não é apenas um veículo de comunicação: é também um meio de despertar emoções e de as fazer surgir nos outros” e isso está presente também nas nomeações.

A Praça Vereador Luiz **Piccoli** (Praça da Bíblia), na rotatória entre as avenidas Brasil, Toledo e Assunção, remodelada em 2008, dispõe da denominação de um vereador, também descendente de italianos. Além da praça, em março de 2011, foi sancionada a lei nº 5.753/2011, a qual dispunha a denominação de Vereador Luiz Piccoli para as ruas marginais que circundam, do lado direito e do lado esquerdo, a Praça Vereador Luiz Piccoli, na cidade de Cascavel (CASCVEL, 2011).

Espaços culturais também apresentam corotopônimos e antropotopônimos, tais como os espaços internos do Centro Cultural Gilberto Mayer, localizado na Rua Duque de Caxias, 379. Fundado em 1982, possui um auditório “Cine Teatro **Coliseu**” e as salas Hall Tito **Muffato**, Sala Fany Sölter, Sala **Guido Viaro** e Sala Ana Botafogo. O espaço abriga também o Museu Histórico Celso **Formighieri** Sperança e o Museu da Imagem e do Som.

Apesar de o nome do teatro ser uma homenagem a Gilberto Mayer, pioneiro de outra origem étnica, que chegou a Cascavel, em 1959, destacam-se também o corotopônimo Coliseu e os antropotopônimos Muffato, Guido Viaro e Formighieri.

Nos nomes de espaços de lazer e ginásios de Cascavel, apresentados pelo site da Prefeitura, também são apresentados antropotopônimos: Ginásio da Neva, Ginásio Eduardo **Luvison**, Ginásio São Cristóvão, Ginásio Sergio Mauro **Festugato** e Centro Esportivo **Ciro Nardi**.

Pode-se notar que a presença onomástica italiana em Cascavel existe, mas que não é dominante, embora seja significativa, principalmente por se encontrar em diversos âmbitos, ainda que em escala pequena se considerarmos todo o contexto da

comunidade. Se observarmos, por exemplo, que dos mais de trinta bairros, apenas três loteamentos apresentam nomes relacionados à cultura italiana, conforme nossa análise, que dos quarenta colégios estaduais, apenas sete instituições relacionamos aos italodescendentes, que das 61 escolas municipais, pudemos destacar somente 17 instituições, que de todas as ruas de Cascavel, poucas têm nomações relacionadas à Itália, que dos 129 condomínios apresentados pelo site da Telelistas, percebemos que apenas quinze se relacionam a essa cultura, que das nove praças de Cascavel (apresentadas pelo site da Prefeitura), são somente três ou quatro que se referem de alguma forma a aspectos dessa etnia, percebemos que, ainda que não seja dominante, há a busca pela afirmação de fronteiras étnicas italianas, por meio da valorização da pátria dos antepassados (com nomes de cidades e o nome do país) ou por meio de sobrenomes italianos de pioneiros da cidade.

Para melhor visualizar os dados, apresentamos a tabela com todos os topônimos italianos citados acima dentro de cada classificação:

Quadro 2: Classificação dos topônimos encontrados

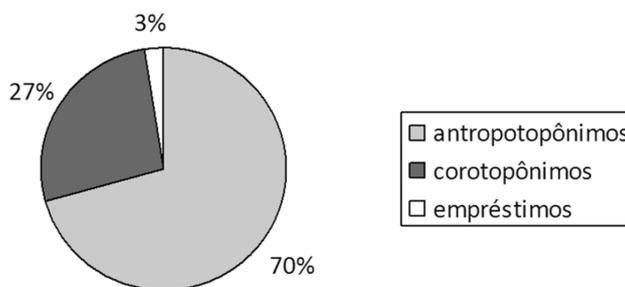
ANTROPOTOPÔNIMOS	COROTOPÔNIMOS	EMPRÉSTIMOS
Escola E. Itagiba Fortunato	Jardim Nova Itália	
Escola E. Marilis F. Pirotelli		
Escola E. Octavio Tozo	Jardim Veneza	
Escola E. Olivo Fracaro		
Escola E. Orso	Jardim Florença	
Escola E. Padre Carmelo Perrone		
Escola Adolival Pian	Escola E. Jardim Itália	
Escola Ana Neri		
Escola Aquiles Bilibio	Rua Itália	
Escola Artur Carlos Sartori		
Escola Atilio Destro	Rua Nápoli	
Escola Diva Vidal		
Escola Dulce Perpetua Piorezan Tavares		
Escola Edison Pietrobelli - Caic II	Rua Veneza	
Escola Emilia Galafassi		
Escola Hércules Bosquirolli	Rua Turin	Affare Prestadora de Serviços
Escola Hermes Vezzaro		
Escola Inglacir Lourdes Farina	Rua Gênova	Condomínio do Edifício Casa Bella
Escola Jose Baldo		
Escola Luis Carlos Ruaro	Rua Trento	
Escola Maria Montessori		
Escola Tereza Périco Bernardini	Rua Milão	
Escola Terezinha Picoli Cesarotto		
Rua Ângelo Zonin	Rua Roma	
Rua Mário Corradi		
Rua Altério Sordi	Condomínio Florença	
Rua Antônio Sartori		
Rua Antônio Massaro	Condomínio Gênova	
Rua David Mascarelo		
Rua Joséfe Galafassi Venturini	Condomínio Itália	
Rua Ângelo Sbardela		
Rua Boaventura Tozzo	Condomínio Palermo	
Rua Pascoal Ranieri Mazzille		
Rua Pres. Emilio Garrastazu Medici	Condomínio San Marino	
Avenida Tito Muffato		
Rua Marcelino Meneguzzi		
Rua Cláudia Galante Padovani		

Rua Valdir Sirtoli	Condomínio Vila Firenze
Rua Galileu	
Rua Leonardo da Vinci	Condomínio Villa Borghese
Condomínio Delucci Residence	
Condomínio Plascido Mascarello	Condomínio Milão
Condomínio Polletti	
Condomínio Theobaldo Bresolin	Praça Itália
Condomínio Dom Carlesso	
Praça Florêncio Galafassi	
Praça Vereador Luiz Picolli	
Rua Vereador Luiz Picolli	
Cine Teatro Coliseu	
Hall Tito Muffato	
Sala Guido Viaro	
Museu Histórico Celso Formighieri Sperança	
Ginásio Eduardo Luvison	
Ginásio Sergio Mauro Festugato	
Centro Esportivo Ciro Nardi	

Fonte: elaboração das autoras a partir da análise

Ao analisarmos os dados no Quadro 2, fica evidente, a partir dos antropotopônimos, a forte presença de italodescendentes na cidade e que o sobrenome é valorizado, tendo o sentido de solidariedade com os antepassados. Para melhor observar esse aspecto, apresentamos o seguinte gráfico:

Gráfico 1: Representação quantitativa dos topônimos analisados (lugares públicos e residenciais)



Fonte: elaboração das autoras a partir da análise

A representação de corotopônimos no gráfico 1 reforça o sentimento de etnicidade identitária com a Itália, uma vez que a pátria dos antepassados de muitos descendentes é valorizada, seja pelo próprio nome Itália em diferentes contextos (loteamento, escola, rua, condomínio e praça) seja por nomes de cidades italianas. No entanto, os nomes Veneza, Florença, Turin, Gênova, Milão e Itália, escritos na forma aportuguesada de *Venezia*, *Firenze*, *Torino*, *Genova*, *Milano* e *Italia*, corroboram para a reflexão de que apesar de Cascavel contar com tantos italodescendentes, a língua italiana talvez não seja tão falada, mas que os traços dialetais estão presentes nas interlocuções na cidade. Os termos Nápoli e Firenze (*Napoli* e *Firenze*), demonstram a ocorrência de alternância de línguas italiana e portuguesa e, conseqüentemente, o processo de assimilação e modificação social, o que não ocorre com as denominações dadas a *Palermo*, *San Marino* e *Villa Borghese*, uma vez que as palavras mantêm a escrita em língua italiana.

A baixa ocorrência de empréstimos linguísticos - *affare* (assunto, negócio) e *casa bella* - reafirma a hipótese de que a língua italiana seja pouco utilizada e/ou valorizada na localidade. Os dois vocábulos, porém, são do italiano padrão⁵, e fica evidente como o dialeto

⁵ A língua italiana de prestígio, idioma nacional da Itália, tem como base o dialeto toscano, o qual surgiu na apreciação e na admiração da língua da *Commedia* de Dante Alighieri, do *Decameron* de Boccaccio e do *Canzoniere* de Petrarca, clássicos da literatura italiana medieval, de 1300, mas que evoluiu e se transformou com

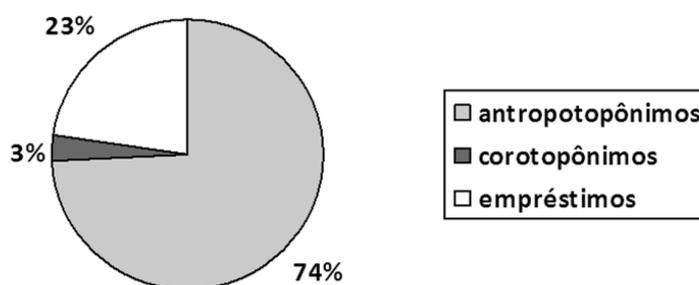
vêneto e o *talian*⁶ não são utilizados para as nomeações, ou seja, que a manutenção linguística⁷ não se evidencia socialmente na cidade de Cascavel nas interações comunicativas entre os falantes (a não ser no programa de rádio *Italia del mio cuore* e no grupo de canto *Filò*).

Pensamos que propondo, talvez, uma análise de nomes de restaurantes, esse número pudesse aumentar. Por meio da pesquisa, podemos citar alguns locais relacionados à alimentação: **D'Italia** Sorvetes e Sopas, Panificadora **Bello Panetto**, **Via del Gelato** (sorveteria) e supermercados **Beal**, **Muffato**, **Servergnini**, **Menegatti** ou **Pedralli**, o que, de forma rápida, demonstra, mais uma vez, que os antropotopônimos são muito mais presentes.

Para melhor visualizar nomes de restaurantes e de locais de alimentação, ainda por meio do site da Telelistas (CASCAVEL, 2016b), dos 325 locais, apresentam-se os seguintes relacionados à origem italiana: **Bella** Pizza, **Michelangelo** Grill, **Bonna** Pizza, Pizzaria **Martignoni**, Pizzaria **Aba Rontani** Pizzas, **Magnani** Pizzaria, **Babbo Giovanni**, **Fortille** Pizzas e Lanches, **Bello** Pastel, **Baronia** Pizzaria, **Spoletto**, **Adauto Mussinato** Restaurante, **Adega Beal**, **Arlei Balestrin**, **Ballare**, **Barsaglia** Pizzaria, **Bonatto's** Restaurante, **Boscato** Fernandes e Cia, **Cavalcanti & Zarpellon**, **Chiquito & Dellani**, **Choperia Passini**, **Churrascaria Baggio**, **Churrascaria e Lanchonete Pazini** I e II, **Churrascaria Gandin**, **D'Italia** Sorvetes e Sopas, **Fabiola da Motta** e Cia, **Felitti** Restaurante e Pizzaria, **Fettuccini**, **Fornari e Fornari**, **Il Peschero** Restaurante e Comércio de Peixes, **Inelvi Anzolin**, **Lanchonete Sandri**, **Leandra de Novais Lara**, **Luiz C Basso** e Cia, **N Calegari & Cia**.

Mesmo assim, no entanto, sobressaem-se os antropotopônimos, com 26 nomes. Já os corotopônimos diminuem expressivamente, apresentando-se apenas o nome **D'Italia** Sorvetes e Sopas.

Gráfico 2: Representação quantitativa dos topônimos analisados
(nomes de restaurantes e de locais de alimentação)



Fonte: elaboração das autoras a partir da análise

o tempo. Esse idioma foi reformulado e oficializado; no entanto, somente depois da segunda metade do século XIX, quando a unificação política italiana ocorreu. O italiano ensinado como língua estrangeira fora da Itália tem como base o italiano de prestígio, no caso, o idioma oficializado na segunda metade do século XIX na Itália.

⁶ A maioria dos italianos, ao chegarem ao Brasil, era monolíngue, falava o dialeto de sua região italiana de origem - Veneto, Lombardia, Trentino Alto Ádige e Friuli Venezia Giulia - do Norte da Itália. Como quase 60% dos imigrantes italianos eram do Vêneto, foi o dialeto desta região que prevaleceu entre eles, uma língua franca, "resultante do contato entre os diferentes dialetos italianos e denominados de dialeto vêneto, vêneto riograndense ou talian" (PERTILE, 2009, p. 32), a qual possibilitou a interação entre os imigrantes italianos de diferentes regiões. Surge, então, nesse contexto, uma nova língua que teve no início função de koiné, ou seja, de comunicação entre famílias italianas que tinham modos de falar distintos. Com base no dialeto vêneto, as famílias italianas, em um novo contexto, em que se falava português, quando se tornaram bilíngues, acabaram transformando o dialeto vêneto. Este sofreu influências do português e assim se transformou em um novo modo de falar, chamado de talian. Também chamado de dialeto vêneto brasileiro, o talian foi estigmatizado por muito tempo. Picol (2013) destaca que o falante bilíngue, pela situação social menos favorecida e pela fala com acentuadas marcas de sotaque, sofria uma dupla estigmatização sociolinguística: tanto a fala em variedade italiana como a fala

em língua portuguesa, esses traços linguísticos estigmatizados marcam as origens do falante. Em Cascavel, o talian é preservado no programa de rádio *Italia del mio cuore*, no grupo de canto folclórico *Filò*, e por alguns descendentes da faixa etária mais velha, sendo principalmente constituída por homens.

⁷ A palavra preservação, segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009), tem o objetivo, como o próprio vocábulo designa, de preservar, "de garantir a integridade e a perenidade de algo", ou seja, de realizar ações com o intuito de salvar algo que não está sendo mantido naturalmente. O termo manutenção, por sua vez, segundo o Aurélio, é "um ato ou efeito de manter-se". Observamos que a manutenção vai muito além, pois tem o propósito de evidenciar a posição e o estado em que se encontra algo, no caso, uma variedade linguística, a qual ocorre no dia a dia das pessoas. Assim, notamos que quando se tem a necessidade de preservar, de guardar algo, é porque não se utiliza mais determinado objeto. Por outro lado, se a língua é mantida, se está em uso, ela não precisa ser guardada, protegida e conservada.

Os oito empréstimos são: Bella Pizza, Bonna Pizza, Babbo Giovanni, Spoleto, Bello Pastel, Ballare, Fettuccini e Il Peschero Restaurante e Comércio de Peixes. Apesar de os nomes Babbo Giovanni e Spoleto serem franquias, eles também estão presentes na cidade e apresentam empréstimos do italiano. O que se pode notar, também, é que há a presença do termo “bonna” (*bona*, do dialeto vêneto ou do *talian*) e não “buona” (do italiano padrão) e que a duplicação da consoante n confere *status* de língua italiana padrão. “Il Peschero” também mostra uma relação com o italiano padrão, uma vez que o artigo definido “il” provém dessa língua oficial e “peschero” talvez se refira a “pescheria” (peixaria), sendo uma alternância linguística com o termo “pesqueiro”, do português. *Bella* (bela), *babbo* (papai), *ballare* (dançar) e *fettucini* (um tipo de massa), por sua vez, são empréstimos sem alterações, misturas ou interferências.

O estudo do léxico pode favorecer a compreensão de conceitos abstratos e também do comportamento humano, uma vez que ele verbaliza a cultura dos grupos e absorve todas as mudanças que ocorrem na língua. Carvalho (2004, p. 100) destaca que o vocabulário “evolui e se adapta, constituindo sempre um portador apropriado de significações, valores e cargas novas que a realidade gera e a palavra transmite”.

O estrangeirismo confere *status* e prestígio, pois recria no plano real as projeções do plano ideal, de poder consumir produtos de qualidade, abonados por um selo estrangeiro. Ullmann (1964) nota que mesmo em contextos totalmente diferentes, uma palavra estrangeira pode causar efeitos emotivos e associações desejadas, conferindo efeitos evocadores primários e secundários. A produção de cor local, ou seja, “retratar um personagem ou um ambiente estrangeiro com palavras que lhes sejam peculiares” (ULLMANN, 1964, p. 276), seria um efeito primário. Os efeitos podem ser ainda mais profundos, pois, quando se utilizada uma palavra estrangeira, sem que haja para isso uma real necessidade, “mas sim por causa do seu valor *snob*, por causa do ar de distinção que confere ao locutor, temos aquilo a que poderemos chamar ‘efeitos evocadores secundários’” (ULLMANN, 1964, p. 278). Porém, se ressaltarmos que a utilização de palavras estrangeiras no nome de restaurantes não são tão presentes assim como os sobrenomes, podemos levantar a hipótese de que o *status* e o prestígio de palavras italianas não são tão conferidos quando se trata de topônimos.

Se observarmos, todavia, as ocorrências tanto de antropotopônimos, como de corotopônimos ou de empréstimos linguísticos, podemos notar que a língua portuguesa se sobressai no próprio contexto em que todos os termos do italiano se inserem, como pode ser analisado em alguns exemplos: **Escola Estadual** Itagiba Fortunato (e não *Scuola Statale*), **Rua** Ângelo Zonin (e não *via*), **Praça** Florêncio Galafassi (e não *piazza*), **Jardim** Nova Itália (e não *giardino*), **Rua** Itália (e não *Via Italia*), **Bella Pizza** (e não *Pizzeria*).

Sendo assim, é possível questionar a informatividade e a relação da linguagem com o mundo e com a materialidade, analisar o processo enunciativo que produziu cada nomeação e, principalmente, levar em conta que as cenas enunciativas da nomeação se configuram em um espaço em que se tem como língua oficial a língua portuguesa, a qual se sobressai na oficialização e na comunicação.

Estudar a designação dos nomes, a constituição dos sentidos, é pensar na historicidade, na relação social que o termo abrange, além da sua concepção individual. A toponímia é uma forma de materializar a história de uma localidade, é uma forma de, inclusive, mostrar como a cultura de um grupo dentro de uma comunidade evolui e se transforma, junto com a identidade étnica de um grupo.

Para que exista uma identidade étnica é preciso ter uma diferença, algo que diferencie determinado grupo do restante. O autor define que “a identidade étnica aparece no contraste das relações interétnicas, ou seja, trata-se da afirmação de um ‘nós’ diante dos ‘outros’” (MACHIOSKI, 2004, p. 28). Em outras palavras, a etnicidade vai se formar quando um grupo se encontra em um ambiente linguístico interétnico, de diferenças plurilinguísticas e culturais: “É precisamente quando as minorias deixam de viver em colônias e se acham diretamente confrontadas com os outros grupos que suas especificidades culturais tornam-se fontes de mobilização coletiva e que se desenvolve” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 71).

Quando um grupo está inserido em um contexto, em contato com várias culturas, é que as consciências étnicas e linguísticas afloram. Para que um grupo seja étnico, ele precisa ser diferente do contexto em que está inserido, ou seja, só existe etnicidade quando há heterogeneidade, assim como só existe variação se há um padrão. Para os autores, a etnicidade está longe do processo de

assimilação: “longe de levar à assimilação, ela tem como efeito aumentar a consciência e a significação da etnicidade” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 72).

As fronteiras (critério de pertencimento e exclusão) de um grupo étnico podem ser as diferenças que mantêm esse grupo vivo. São esses confins que o diferenciam da sociedade geral, do contexto ao redor. Barth, na obra de Poutignat e Streiff-Fenart (2011), ratifica que as fronteiras podem variar e mudar, pois elas não delimitam uma uniformidade contínua. Para Krug (2004, p. 12), a identidade étnica não é estável, mas sim “um processo individual e coletivo de semiose, de produção de significado e de sentido. Não é algo que nasce pronto em um indivíduo”.

Fica claro, também, pelo número de antropotopônimos, que a presença de italodescendentes em Cascavel é notória, mas que esses sobrenomes, evidenciados nas escolhas lexicais dos nomes de lugares, denotam sentidos que vão além da superficialidade linguística. Os dados demonstram, também, que a valorização sobre a Itália existe, pelos corotopônimos, e que a língua italiana não é tão valorizada, a não ser quando se fala em gastronomia (o que é uma propaganda italiana feita internacionalmente) ou em movimentos étnicos de um grupo de descendentes, inserido em uma comunidade maior, o qual luta pela valorização da língua e da cultura italianas com manifestações culturais específicas.

A comunidade étnica italiana existe, mas se transformou e se inovará constantemente em solo brasileiro, em contato com a cultura do país e de outras etnias presentes. Em Cascavel, por exemplo, talvez, a cultura de italodescendentes esteja se direcionando mais à cultura local, que se constitui permanentemente em contato com diversas etnias aqui presentes, mas carregando um sentimento de italianidade sanguínea e de preservação de traços identitários, que podem ser vislumbrados em nomeações pela cidade.

5 CONCLUSÃO

Apesar de em Cascavel a manutenção/preservação linguística não ser tão expressiva, muitos cascavelenses ainda fazem questão de estabelecer a identidade étnica italiana por meio de sobrenomes, afirmando o “nós” diante dos “outros” e conferindo o sentido de heroísmo e fatos memoráveis, ou seja, o fato de os italodescendentes terem contribuído para a formação da cidade.

Guimarães (2002) observa que um locutor-cidadão e a nacionalidade, por exemplo, são enunciações presentes nos nomes Rua 7 de setembro e Rua Duque de Caxias e que há a voz de um locutor-brasileiro, o pertencimento à história brasileira, nos nomes Rua Presidente Getúlio Vargas e Rua Dr. Campos Sales. Da mesma forma, podemos observar que os antropotopônimos utilizados em Cascavel, os quais apresentam nomes de descendentes de italianos, são enunciações de locutores-italodescendentes, de pertencimento à história e à formação do município cascavelense. Guimarães nota que as enunciações memoráveis são formas de “dizer quem faz a história da cidade” (GUIMARÃES, 2002, p. 67). Sendo assim, ficam evidentes as rememorações da colonização de Cascavel, as enunciações de italodescendentes que tiveram que se firmar dentro de uma comunidade heterogênea, em que etnias precisavam se consolidar e lutar pelo estabelecimento de fronteiras de identidades culturais.

Colognese (2011) lembra que, no entanto, ao longo do tempo podem ocorrer mudanças nas denominações dos nomes de ruas, ou seja, o registro não é para sempre, não é acabado, mas pode ser modificado assim como as culturas e as identidades étnicas mudam e se modificam em contato com outras. É preciso notar, também, que novas ruas, novos logradouros, nomes de negócios, praças, entre outros, serão nominados em Cascavel e que nada é estático.

A mudança de percepção ou sentimento que uma comunidade tem sobre determinado aspecto também podem modificar o significado de um nome: “Um objecto pode permanecer inalterado, e, no entanto, mudar para nós o significado do seu nome, se houver qualquer alteração na percepção que dele temos, no nosso conhecimento acerca dele, ou no nosso sentimento para com ele” (ULLMANN, 1964, p. 118). Para o autor, portanto, as palavras não são homogêneas e até os nomes próprios, as quais são as mais concretas de todas as palavras, “estão sujeitos a estas ‘mudanças de aplicação’: só o contexto especificará que aspecto de uma pessoa, que fase do seu desenvolvimento, que lado das suas actividades temos em mente” (ULLMANN, 1964, p. 257).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BALHANA, Altiva Pilatti. *Un Mazzolino de Fiori*. v. I. WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- _____. *Un Mazzolino de Fiori*. v. III. WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011. p. 187-227.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. Tradução Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.
- CAPELESSO, Pe. Antônio; SCHERER, Dom Irineu Roque; DEITOS, Nilceu Jacob (Orgs.). *Dom Armando Cirio: apóstolo e missionário do Oeste do Paraná*. Cascavel: Coluna do Saber, 2010.
- CARVALHO, Nelly. *Publicidade a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 2004.
- CASCADEL. Lei nº 5.753, de 30 de março de 2011. Dispõe sobre denominação de Rua Vereador Luiz Picolli. *Leis municipais*, Cascavel, 30 mar. 2011. Disponível em: <https://camaracascavel.pr.gov.br/leis-municipais.html?sdetail=1&leis_id=5631>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- _____. Prefeitura Municipal. *Escolas Municipais do Município de Cascavel*. Cascavel, 2016a. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/19102015_dados_escolas___atualizado_em_2015_10_19.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- _____. Prefeitura Municipal. Notícias. *Praça Japão é inaugurada na região norte de Cascavel*. Cascavel, 18 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/noticia.php?id=16337>>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- _____. Prefeitura Municipal. Secretaria de Cultura. *Cultura*. Cascavel, 2016b. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/cultura/>>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- _____. Prefeitura Municipal. Secretaria de Desenvolvimento Econômico. *Histórico das praças*. Cascavel, 2016c. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/semdec/sub_pagina.php?id=256>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- _____. Prefeitura Municipal. Secretaria de Esporte e Lazer. *Estrutura e Informações dos Ginásios*. Cascavel, 2016d. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/semel/>>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- _____. Prefeitura Municipal. Secretaria de Cultura. *Museu da Imagem e do Som de Cascavel*. Museu Online. Cascavel, 2016f. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/museu/acervo4.php?id_titulo=85&id_sub=170&id_galeria=545>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- COLOGNESE, Silvio Antônio (Org.). *Ruas de Toledo: identidades que se cruzam*. Cascavel: Edunioeste, 2011.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

- DEITOS, Nilceu Jacob. *Presença da igreja no oeste do Paraná: a construção do imaginário católico (1930-1990)*. Porto Alegre, 2004. 250 p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 23. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: Edunioeste, 2008.
- GRESPLAN, Taiana. *Antroponímia de Toledo*. Cascavel, 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2013.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2002.
- Histórico das Praças*. Disponível em: <www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/semdec/>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- HORA, Demerval da. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: _____. (Org.). *Estudos sociolinguísticos*. João Pessoa: UFPB, 2004. p.13-28.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População residente por lugar de nascimento, 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=4104808>>. Acesso em: 18 nov. 2015.
- KOCH, Ingedore. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante - RS*. Porto Alegre, 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- MACHIOSKI, Fábio Luiz. *Preservação da identidade cultural em um grupo imigrante italiano de Curato de Colombo, Paraná, 1888 - 1910*. Curitiba, 2004. 78 f. Monografia (Bacharelado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2004.
- MAPLINK. *Mapas*. Cascavel, 2016. Disponível em: <<http://maplink.com.br/Transito/PR/cascavel>>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- PARANÁ. Secretaria de Estado e Educação do Paraná. *Colégios Estaduais de Cascavel*. Paraná, 2016. Disponível em: <<http://www.cschoracioreis.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/6/480/2625/arquivos/File/t%20est.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- PERTILE, Marley Terezinha. *O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- PICOL, Greyce Dal. *Novo perfil linguístico dos falantes bilíngues da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: mudança dialetal e mescla linguística*. Web-Revista Sociodialeto. v. 3. n. 9. Campo Grande, 2013. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013030842.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

PIAIA, Vander. *A ocupação do Oeste Paranaense e a formação de Cascavel: as singularidades de uma cidade comum*. Niterói, 2004. 400 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense/Unioeste, 2004.

_____. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel: Edunioeste, 2013.

PLUMMER, Ken. Identidade. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 369-371.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim; BASTOS, Gleyce Ramos. Onomástica e possibilidades de releitura da história. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, ano 15, n. 30, p. 86-92, ago. 2010.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Nome próprio e identidade em Marechal Cândido Rondon. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, ano 43, n. 1, p. 212-225, jan/abr. 2014.

TELELISTAS. Lista de atividades. *Cascavel*. Cascavel, 2016a. Disponível em: <<http://www.telelistas.net/pr/cascavel>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

_____. Lista de atividades. *Restaurantes*. Cascavel, 2016b. Disponível em: <<http://www.telelistas.net/pr/cascavel/restaurantes>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Recebido em 15/04/2016. Aceito em 07/07/2016.